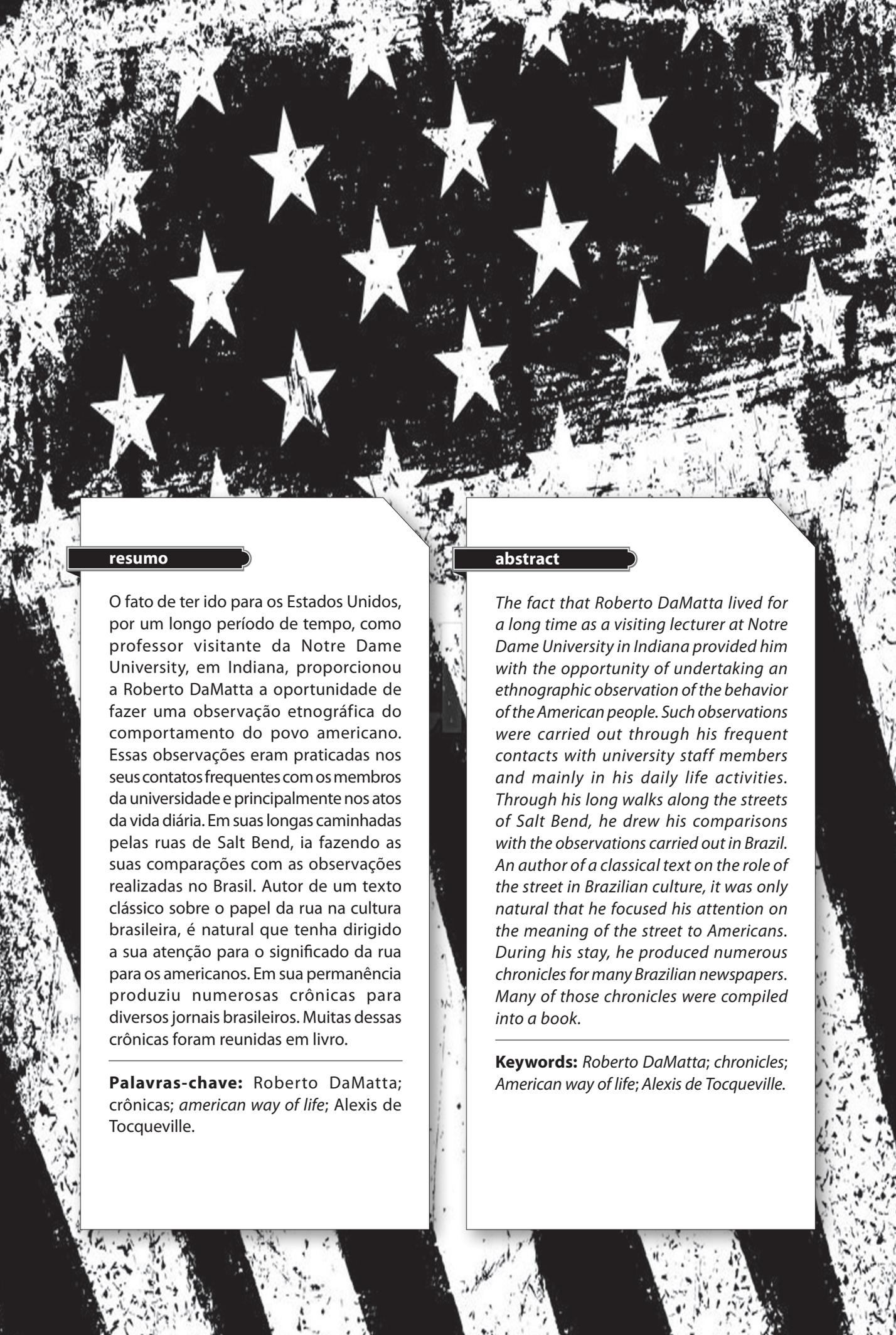




**DaMatta: cronista de duas culturas**

*Roque de Barros Laraia*



#### resumo

O fato de ter ido para os Estados Unidos, por um longo período de tempo, como professor visitante da Notre Dame University, em Indiana, proporcionou a Roberto DaMatta a oportunidade de fazer uma observação etnográfica do comportamento do povo americano. Essas observações eram praticadas nos seus contatos frequentes com os membros da universidade e principalmente nos atos da vida diária. Em suas longas caminhadas pelas ruas de Salt Bend, ia fazendo as suas comparações com as observações realizadas no Brasil. Autor de um texto clássico sobre o papel da rua na cultura brasileira, é natural que tenha dirigido a sua atenção para o significado da rua para os americanos. Em sua permanência produziu numerosas crônicas para diversos jornais brasileiros. Muitas dessas crônicas foram reunidas em livro.

**Palavras-chave:** Roberto DaMatta; crônicas; *american way of life*; Alexis de Tocqueville.

#### abstract

*The fact that Roberto DaMatta lived for a long time as a visiting lecturer at Notre Dame University in Indiana provided him with the opportunity of undertaking an ethnographic observation of the behavior of the American people. Such observations were carried out through his frequent contacts with university staff members and mainly in his daily life activities. Through his long walks along the streets of Salt Bend, he drew his comparisons with the observations carried out in Brazil. An author of a classical text on the role of the street in Brazilian culture, it was only natural that he focused his attention on the meaning of the street to Americans. During his stay, he produced numerous chronicles for many Brazilian newspapers. Many of those chronicles were compiled into a book.*

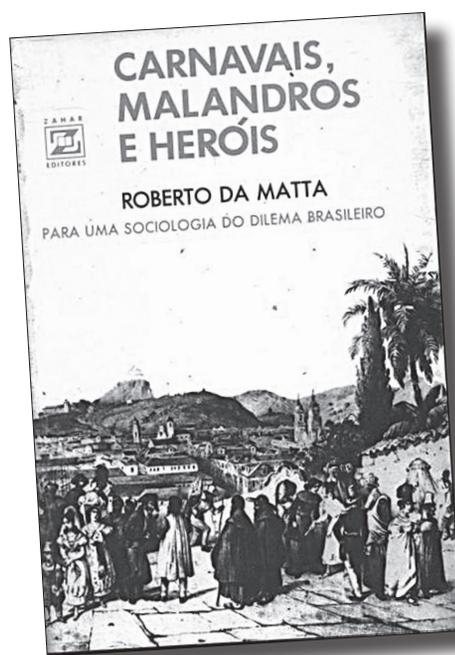
**Keywords:** Roberto DaMatta; chronicles; *American way of life*; Alexis de Tocqueville.

**Q**uando Charles Wagley veio ao Brasil para estudar os índios tapirapés, nos meados da década de 30 do século passado, não pensava que estava iniciando laços mais amplos e permanentes com o país, além do tempo necessário para realizar um trabalho de campo antropológico. Não imaginava que iria se casar com uma brasileira e se tornar um dos primeiros “brasilianistas”, publicando diversas obras sobre o Brasil como um todo.

Processo análogo ocorreu com Roberto DaMatta. Em 1961, partiu para estudar, na região de Marabá, os índios gaviões. Graças a essa sua primeira pesquisa de campo, pôde associar-se ao Harvard-Museu Nacional Research Project, coordenado por David Maybury-Lewis (1929-2007) e Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006), que tinha como objetivo o estudo dos índios jês do Brasil Central. Foi no âmbito desse projeto que partiu, em 1963, para um estágio de um ano no Laboratory of Social Relations da Universidade de Harvard. Mesmo quando realizou o seu doutorado na mesma universidade, entre 1966 e 1972, não teria passado por sua cabeça a ideia de que poderia ser um dia considerado um “americanista”.

Nos anos 70, de volta ao Museu Nacional, dedicou-se ao estudo da própria sociedade, tomando como tema o modo de ser dos brasi-

leiros e realizando análises antropológicas de seus ritos sociais. Um momento marcante foi a publicação, em 1979, de *Carnavais, Malandros e Heróis*. Esse livro tornou-se, na época, um dos mais citados em uma significativa coleção de teses (Gomes, Barbosa & Drummond, 2000).



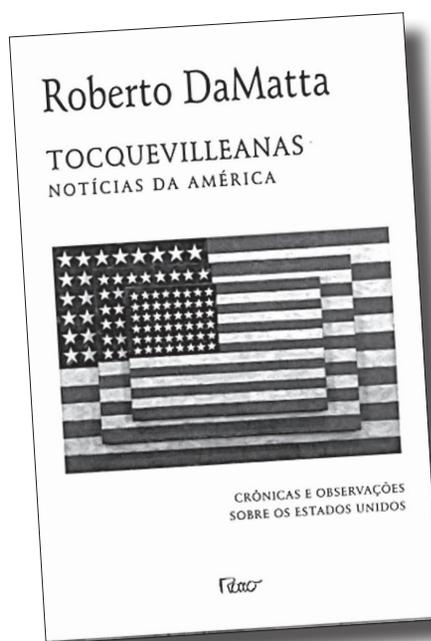
Capa da primeira edição do livro de Roberto DaMatta

**ROQUE DE BARROS LARAIA** é antropólogo e Professor Emérito da Universidade de Brasília (UnB).

Em 1985, voltou aos Estados Unidos para assumir o cargo de professor titular na prestigiosa Notre Dame University, em Indiana, para retornar definitivamente ao Brasil, em 2002. Como ele próprio diz, “o fato de ter ido para os Estados Unidos como professor e não como um funcionário de uma multinacional, como artista contratado por alguma corporação da indústria audiovisual ou como imigrante em busca da América” lhe proporcionou uma excelente possibilidade de observação etnográfica. Observações essas praticadas nos seus contatos frequentes com os membros da universidade – tanto alunos como docentes – e, principalmente, nos atos da vida diária americana. Torna-se necessário recordar que, desde o início de sua carreira como antropólogo, utilizou-se do método de “observação participante”, que lhe foi útil para a compreensão da sociedade timbira e, posteriormente, da sua própria sociedade. Com certeza, como aluno de Harvard, ele não deixava de observar o comportamento dos habitantes da Nova Inglaterra, mas evidentemente dedicou muito mais tempo para observar os habitantes de Indiana.

Aproveitou dessas observações sobre o “*american way of life*” para produzir artigos e crônicas para diversos jornais brasileiros, como o *Jornal da Tarde*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. Segundo ele próprio, “todos os assuntos foram lidos da perspectiva de uma antropologia social ou cultural, cujo foco é o estranhamento, a suspensão dos julgamentos e compartimentalizações familiares, e a comparação” (DaMatta, 2005, p. 9).

Muitas dessas crônicas sobre a vida diária dos americanos foram reunidas no volume *Tocquevilleanas. Notícias da América. Crônicas e Observações sobre os Estados Unidos*. A coletânea é, de certa forma, uma homenagem ao francês Alexis de Tocqueville (1805-1859), que foi enviado pelo governo francês para estudar o sistema prisional. Durante nove meses, em 1832, Tocqueville percorreu o território americano. O que de fato o impressionou foi o sistema democrático americano, baseado nas ideias de igualitarismo e de individualismo. Retornando à França, publicou em 1835 o seu famoso livro *De la Démocratie en Amérique*.



Capa da coletânea de textos sobre os Estados Unidos, de 2005

O livro de Tocqueville não é simplesmente um “livro de viagem” como os produzidos por turistas. Pelo contrário, tem uma maior proximidade com os textos antropológicos. Mas, de qualquer forma, podemos considerar que turistas e antropólogos têm uma certa similaridade. Ambos gostam de conhecer povos estranhos para depois regressarem a suas comunidades de origem. Regressam, “então, como portadores de felizes notícias de nossos irmãos espalhados nos mais longínquos confins do universo” (Degerando apud DaMatta, 1981). Em suas longas narrativas, os turistas contemplam os seus convidados com intermináveis exibições de fotos, mas, na maioria dos casos, não demonstram nenhuma preocupação com as diferenças culturais, mesmo porque foram incapazes de percebê-las. Segundo DaMatta, eles fizeram a viagem horizontal mas deixaram de lado a jornada vertical, que os etnólogos realizam, distanciando-se de sua própria cultura para entender a do país que visitam.

Essa capacidade de observação ou de estranhamento é encontrada em Tocqueville. E, por isso, serviu de inspiração para que DaMatta, contratado para ensinar antropologia em uma importante universidade americana, aprovei-

tasse todos os seus momentos para buscar uma compreensão do modo de ser dos cidadãos americanos. Mesmo nas salas de aula, quando ensina teoria antropológica para jovens americanos, ou nas reuniões departamentais, quando discute projetos de ensino e de pesquisa com seus pares – que também são seus anfitriões –, não deixa de ser um atento observador, fazendo também suas comparações. Mesmo quando sai dos muros acadêmicos, caminhando pelas ruas e parques da cidade – ou, ainda, entre as estantes das *bookstores* ou nos corredores dos grandes *shopping centers* –, ele continua a fazer suas observações e as consequentes comparações: “[...] os americanos andam pelos corredores e pelas ruas fechados em si mesmos. Podem ouvir de tudo e não se voltam [...] Como têm um profundo desdém pelos elos, valorizam a compartimentalização pessoal. E lá vão eles, cada qual metido na sua própria ‘bolha’” (DaMatta, 2005, p. 27).

De fato, é muito fácil imaginar que em volta de cada cidadão americano exista uma espécie de redoma, pois toda vez que alguém, por descuido, o toca, inevitavelmente ouve a reação “*I beg your pardon*”, antes mesmo que o “transgressor” tenha tempo de se desculpar. Note-se que não é necessário tocar para se desculpar, basta atravessar na frente do caminho de alguém! E nas portas das lojas há uma sucessão de agradecimentos para os que o antecedem e cuidadosamente lhe possibilitam o ingresso ou a saída.

Autor de um texto clássico sobre o papel da rua na cultura brasileira, é natural que DaMatta tenha dirigido a sua observação sobre o significado da rua para os americanos. Em seu artigo “Não Há Rua na América” (DaMatta, 2005, pp. 150-2), relembra que no Brasil a rua é um espaço “para o encontro, a conversa, a troca de informação que acompanha alegre o prazer inesperado do encontro com esta ou aquela pessoa”. Cita Manuel Antônio de Almeida (*Memórias de um Sargento de Milícias*) quando este afirma ser todo o espaço do Rio de Janeiro marcado por sua ocupação pelos mais diversos grupos profissionais: “Há o canto dos meirinhos como existem as áreas dos ciganos, dos feiticeiros, das camadas pobres e nobres da população [...]”.

Para ele, nos Estados Unidos, a rua é muito mais uma via de acesso que um local de encon-

tro, “[...] tanto que a rua nos Estados Unidos é, em princípio, despersonalizada, sendo classificada por número e pontos cardeais, o que no limite indica um triunfo da racionalidade iluminista [...]”. Em resumo, para DaMatta a rua na América, quando comparada com a rua no Brasil, não passa de um “não lugar”, como definiria Marc Augé.

Em várias de suas crônicas fica evidente que o fascínio de Roberto DaMatta pelos Estados Unidos decorre do fato de ter nascido na década de 30 e pertencer a uma geração que deixou de lado o encantamento pela Cidade-Luz e trocou o aprendizado da língua francesa pela inglesa. Segundo ele próprio, “o futuro era tudo para nós, meninos parcialmente educados pelo cinema americano. Um dia donos de automóveis e namorados daquelas louras de cabelos esvoaçantes que não tinham pai, mãe ou parentes [...]” (in *O Globo*, 4/1/2017). Assim, são muitas as suas crônicas em que se associam a sua experiência de vida nos Estados Unidos com os temas de muitos filmes. De fato, foi na sua geração que o cinema se transformou na principal fonte de divertimento, quando – ainda livres da televisão – predominava o hábito de ir ao cinema duas ou três vezes por semana!

São numerosas as crônicas nas quais DaMatta busca interpretar a sociedade americana inspirado por obras da rica cinematografia produzida por Hollywood e suas adjacências. Em “Beleza Americana” (DaMatta, 2005, p. 85-7), o autor procura demonstrar como “a hipocrisia é o ingrediente básico da vida americana [...] todo mundo finge seguir as regras, trabalhar com afinco, não ter preferências pessoais, não ter fantasias sexuais com categorias proibidas, amar o seu emprego e respeitar o seu chefe, ser inteiramente racional, equilibrado e objetivo”.

É também através da análise de um filme que o autor tece as suas observações sobre o principal rito social americano, o *Thanksgiving*, o ritual de agradecimento a Deus criado pelos pioneiros americanos, após sobreviverem aos rigores de um duro inverno. O filme é *Feridos em Família*, dirigido por Jodie Foster e estrelado por Holly Hunter e que “situa sua trama nas várias fases do reencontro de uma família americana de classe média para celebrar o *Thanksgiving*”.

Segundo DaMatta, o filme aponta para um lado penoso, “porque numa sociedade que salienta a independência individual e a autoconfiança, a presença dos pais e irmãos indica que todo mundo foi criança, que todo mundo foi dependente, que todo mundo teve que aprender alguma coisa com alguém [...]” (DaMatta, 2005, pp. 97-98).

A música americana foi tão importante quanto o cinema para o jovem DaMatta, que, muito cedo, escolheu Frank Sinatra como o seu principal ídolo. Mas a sua preferência musical decorreu do fato de ter um ouvido educado para a apreciação dessa nobre arte. Isso foi possível graças ao fato de sua mãe, Lulita, ter sido uma excelente pianista, que, com as suas *performances* vespertinas, no seu ambiente doméstico, possibilitou que o futuro antropólogo desenvolvesse a sensibilidade necessária para fazer as suas escolhas. Assim é que ele termina o seu artigo “As Lições do Piano de Mamã”: “Foi ouvindo música americana que estive nos Estados Unidos muito antes de conhecer a realidade americana [...] Foi ouvindo música que andei pelos jardins cobertos de poeira de estrelas, lugar imaginário onde se dançava uma valsa que eu não sabia com uma moça que ainda haveria de conhecer [...]” (DaMatta, 2005, pp. 110-2). Foi a sua admiração pela música americana que o levou a estudar canto nos Estados Unidos e se tornar um competente intérprete das canções de Sinatra.

Como todo etnólogo, DaMatta foi treinado para utilizar o método comparativo. Andando pelas ruas de Salt Bend, observando o comportamento dos transeuntes e dos motoristas, não hesitava em fazer comparações. Admirava o comportamento disciplinado dos motoristas e dos pedestres locais e o comparava com o trânsito do Rio de Janeiro ou de qualquer outra cidade brasileira. Com certeza, ficava estarecido em relação ao número de mortos no Brasil: uma cifra anual maior do que o número de soldados americanos mortos em diversas guerras. Foi assim que começou a escrever sobre o trânsito no Brasil, onde alguns motoristas acreditam ser proprietários da via pública, buzinando desnecessariamente, fazendo ultrapassagens perigosas, desrespeitando os sinais e as faixas de pedestres e ofendendo os que ousam interferir em suas trajetórias. Em suas crônicas que com-

param o trânsito dos dois países, começa a surgir um interlocutor americano, Richard Moneygrand, seu colega de Harvard, que se tornou um famoso brasilianista e seu principal interlocutor. Foram tantas as suas participações que um dia o Detran do Rio de Janeiro contactou DaMatta para que ele fornecesse o endereço de Moneygrand. Após a confissão de que se tratava de uma personagem inventada, DaMatta foi convidado para fazer uma palestra no Detran. Em seguida, foi contratado pelo governo do Estado do Espírito Santo, alarmado com o grande número de acidentes, para realizar uma pesquisa na Grande Vitória, a qual resultou no livro *Fé em Deus e Pé na Tábua ou Como e Por Que o Trânsito Enlouquece no Brasil*. Nessa pesquisa e na edição do livro o autor contou com a colaboração de João Gilberto M. Vasconcellos e Ricardo Pandolfi e, naturalmente, de Richard Moneygrand. De fato, a cada crônica em que era citado, Moneygrand foi se tornando cada vez mais versátil, oferecendo as suas opiniões sobre os mais diversos assuntos. No artigo “Ser Doutor no Brasil”, DaMatta (2005, p. 202) informa que, no Brasil, “todas as pessoas que, estando bem vestidas e sendo bem-apegoadas, são chamadas de ‘doutor’ e assim o título universitário se amplia pela sociedade, transformando-se em fórmula generalizada de senhorio, de respeito e de deferência”. Enquanto isso, nos Estados Unidos, todos são chamados de “*misters*”, mesmo os que tenham titularidade acadêmica. Essa afirmação é complementada pelo professor Richard Moneygrand, repetindo sem saber Lima Barreto: “A América é um país de *misters* diplomados; o Brasil é uma terra de ‘doutores’ sem doutoramentos”.

Roberto DaMatta não foi o primeiro antropólogo brasileiro a ir estudar nos Estados Unidos. Antes dele outros o fizeram, como Eduardo Enéas Gustavo Galvão e Josildeth Consorte, entre outros. Mas foi o que teve uma preocupação constante em fazer comparações, muitas das quais transformou em textos. É preciso considerar que, quando foi pela primeira vez, no início da década de 60, o choque cultural era muito maior. Logo de início foi surpreendido pela dimensão dos supermercados, com uma imensa variedade de produtos, nada igual aos “armazéns” do Rio de Janeiro, nos quais os

fregueses compravam a crédito os seus mantimentos. A surpresa maior foi ter o seu pedido de instalação de um telefone atendido em 48 horas, quando no Brasil o tempo de espera podia ser medido em anos! E, finalmente, como não se encantar com a Widener, a maior das bibliotecas universitárias americanas? E a possibilidade de encontrar os livros indicados na grande variedade de *bookstores* de Cambridge e Boston?

Os seus escritos refletem bem as suas surpresas e admiração com suas descobertas referentes à sociedade americana. Como ele próprio expressa, encontrou “dados perturbadores para quem cresceu imaginando que os capitalistas andavam de fraque preto, usavam cartolas, fumavam charutos e tinham o coração tão duro quanto as portas dos cofres que guardavam as suas imensas fortunas obtidas pela exploração do trabalho dos oprimidos” (DaMatta, 2015, p. 195). Esta é a sua reação ao ver na revista *Newsweek* (29 de setembro de 1997) a foto de um milionário que teria doado um bilhão de dólares para uma organização filantrópica. E na mesma revista encontrou a informação de que “nos Estados Unidos, doadores ricos, pobres e remediados doaram um total de 150,7 bilhões de dólares”. Comenta, então, a ausência de filantropia no Brasil, onde milionários doadores constituem exceções. Pelo contrário, os fatos recentes demonstram a voracidade dos mesmos para se apossarem dos recursos públicos.

Finalmente, DaMatta não poderia deixar de comentar a culinária americana. Cita Octavio Paz, que observou que “os americanos comem como vivem, de modo segregado e honesto”. Comem os alimentos separadamente e “evitam os molhos, que personalizam e permitem criar descontinuidade nos sabores”. Nada mais repugnante para eles do que uma feijoada, uma estranha mistura de líquido e sólidos. Em compensação, “adoram os cremes, manteigas e açúcares. Um café aqui vem transbordante de creme: uma salada é sempre acompanha-

da de um *dressing* suculento”. Em um país repleto de obesos, não é difícil constatar que “as multidões americanas estão sempre comendo...”.

Para terminar este nosso breve ensaio sobre as crônicas de DaMatta relativas à cultura americana, decorrentes de um longo período de observação e com a acuidade de um arguto observador, treinado que foi na análise de uma sociedade tão díspar da nossa como a dos apinayés, gostaríamos de comentar o seu artigo referente à reação americana a um dos momentos mais dramáticos deste século: “A Visão Brasileira da Tragédia Americana” (DaMatta, 2005, pp. 315-7).

O seu primeiro comentário sobre o ataque às torres gêmeas, em 11 de setembro de 2001, refere-se ao fato de que a primeira preocupação do governo americano foi com as vítimas. Antes de discutir os aspectos políticos havia a preocupação em atender os feridos e fazer o resgate dos corpos. Enquanto isso, os jornalistas brasileiros estavam preocupados com análises políticas, sobre quais seriam as consequências do atentado. “Enquanto para nós estava decretado o fim da arrogância e da confiança dos Estados Unidos em si mesmos, para eles o episódio era lido como mais um teste histórico-moral para os valores de sua democracia e instituições.”

No Brasil, continua DaMatta, o presidente da República sofreria um tiroteio acusatório por não ter tomado medidas preventivas. Lá, o que ocorreu foi uma demonstração de “solidariedade cívica, administrativa, social e moral em torno do presidente Bush!”. Simplesmente porque, “nos Estados Unidos, os papéis se separam das pessoas”.

Concluindo, ao contrário de outros americanistas, que fizeram as suas análises através de livros, DaMatta utilizou-se das crônicas publicadas com regularidade em jornais de grandes tiragens. Com certeza, esse procedimento possibilita ter acesso a um maior número de leitores e de tratar de temas mais atuais.

## BIBLIOGRAFIA

DAMATTA, Roberto. *Um Mundo Dividido. A Estrutura Social dos Índios Apinayé*. Petrópolis, Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_. *Relativizando. Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis, Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. *Tocquevilleanas. Notícias da América. Crônicas e Observações sobre os Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Rocco, 2005.

\_\_\_\_\_. *Fé em Deus e Pé na Tábua, Ou Como e Por Que o Trânsito Enlouquece no Brasil*. Rio de Janeiro, Rocco, 2010.

\_\_\_\_\_. *Brasileirismos. Além do Jornalismo, Aquém da Antropologia e Quase Ficção*. Rio de Janeiro, Rocco, 2015.

LARAIA, Roque de Barros. "Da Mata ao Carnaval, uma Trajetória Antropológica", in Laura Graziela Gomes; Lívia Barbosa; José Augusto Drummond (orgs.). *O Brasil Não É para Principiantes*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.